

# **CULTO AOS ANTEPASSADOS, YUTA E COMUNIDADE A PRÁTICA DO CULTO AOS ANTEPASSADOS PELOS DESCENDENTES DE OKINAWANOS NO BRASIL**

*Koichi Mori*

**Resumo:** No presente trabalho pretendo interpretar as características da prática do culto aos Antepassados realizada por Okinawanos e seus descendentes residentes no Brasil. O trabalho tem como objetivo analisar as transformações e os papéis das xamãs okinawanas na prática deste culto relacionando tais questões com a mudança no elo entre Okinawa, Japão e Brasil do ponto de vista dos Okinawanos residentes no Brasil. Para tanto, a análise será dividida, por conveniência, em quatro períodos: pré-Segunda Guerra Mundial, pós-Segunda Guerra Mundial até a década de 70, década de 70 a 80 e pós-década de 90. Por meio do levantamento das especificidades do culto em cada período e dos diversos fatores que influenciaram essa prática, gostaria de analisar a influência que o processo de globalização exerceu sobre tal prática.

**Palavras-chaves:** Culto aos Antepassados, *Yuta*(Xamã), Okinawanos(imigrantes e seus descendentes do Brasil), Globalização, Estratégia de Vida

**Abstract:** In this article, we intend to scribe an preliminary interpretation in relation to characteristics of the practice of ancestor worship, accomplished of Okinawan immigrants and their descendants in Brazil. The Objective of this work is to analyse the transformations and the Okinawan shaman's function in this practice, relating this questions with the change of connexion of Okinawa, Japan and Brazil, of the point view Okinawan residents in Brazil. For this, this analysis is parted, for convenient, in four periods: before World War II, after World War II until decade of 70, decade od 70 as far as decade of 80 and decade of 90. Through the survey of the specificity of practice of ancestor worship in each period and of several factor that influenced this practice, we intend to analyse the influences of the process of globalization had on this practice.

**Key-words:** ancestor worshio, Yuta (shaman), Okinawan (immigrants and their descendants in Brazil, globalization, strategy of subsistence.

## 1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um panorama geral sobre as mudanças nas formas com que os okinawanos estabeleciam uma conexão com o Brasil, Okinawa e Japão por meio da análise da prática do culto aos antepassados realizada por imigrantes okinawanos que migraram para o Brasil e seus descendentes<sup>1</sup>

Segundo resultados de uma breve pesquisa realizada pelo autor em 1990 em uma comunidade de okinawanos levantando questões como a dependência pelo culto aos antepassados e pelos xamãs, mais de 80% dos que responderam à pesquisa disseram que o culto aos antepassados é a “religião” com a qual mais se sentem familiarizados. O que permite apreender que o formato okinawano de culto aos antepassados atualmente vem sendo praticado ativamente na comunidade okinawana do Brasil.

Porém, pode-se dizer que tal culto baseado nessa tradição cultural okinawana, é uma prática recente. O culto tipicamente okinawano começa a ser praticado no Brasil somente após a Segunda Guerra Mundial, por volta do início dos anos 70. E, a partir de então, com a propagação e enraizamento da prática do culto aos antepassados, estima-se que a relação de dependência pelo *yuta* (xamã) bem como a prática do ritual *hinukan* (que é praticado como uma derivação do culto ao antepassado) tenha ganhado forças entre aproximadamente 120 mil okinawanos, chegando até os dias de hoje.

Para abordar a questão da ausência da prática de reverências no período anterior à Segunda Guerra Mundial e a transição para uma prática ativa no período pós-guerra, é de extrema importância levantar as mudanças que ocorreram no modo de relacionamento dos okinawanos tanto com o Japão, com Okinawa, bem como com o próprio Brasil.

Assim, para facilitar a análise sobre tais transformações, o presente trabalho será desenvolvido com base em dois períodos históricos: o pré-Segunda Guerra Mundial e o pós-Segunda Guerra Mundial (que será subdividido em três períodos: anterior à década de 70, posterior à década de 70 e posterior à década de 90).

---

1. Atualmente estima-se que o número de descendentes de okinawanos residentes no Brasil corresponde a cerca de 10% da população nikkei total, por volta de 150 mil pessoas. A maior associação étnica okinawana é a Associação Okinawa Kenjin do Brasil com cerca de 4 mil famílias associadas, centralizando as 40 sedes espalhadas por todo o Brasil.

## **2. O culto aos antepassados praticado pelos descendentes de okinawanos no Brasil**

Na tabela 1 estão representadas as características do culto aos antepassados e as suas diversas circunstâncias de ocorrência, divididos, por conveniência, nos períodos pré-Segunda Guerra Mundial e pós-Segunda Guerra Mundial. Seguindo esta tabela, veremos, no presente capítulo, como se dava a prática do culto aos ancestrais nos dois períodos e os diversos fatores que exerceram influência sobre ela.

### **2.1 Período pré-Segunda Guerra Mundial (1908~1941): a inexistência do culto ao antepassado**

Como já é de conhecimento, a imigração okinawana para o Brasil teve início em 1908 com a primeira leva de imigrantes japoneses para o Brasil (vindos com o Navio *Kasato Maru*) que trouxe 781 pessoas, dentre as quais, 325 eram okinawanas.

**Tabela 1. Visão panorâmica do culto aos antepassados na comunidade okinawana do Brasil**

Época	Situação do culto aos antepassados	Condições da sociedade <i>nikkei/okinawana</i> no Brasil	Visão da Nação-Estado brasileira
<b>Pré-Segunda Guerra (1908~1941)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inexistência do culto ao antepassado</li> <li>• Medida temporária: adoção de formas de culto empregadas pelos japoneses da ilha principal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estratégia de vida : <i>dekasegui</i> – deixar os “ancestrais” com parentes, “formação” de famílias com mão-de-obra jovem</li> <li>• Discriminação pelos <i>nikkeis</i> da ilha principal e pelas autoridades – identidade como “originário de província”- negação de “coisas” ligadas a Okinawa (repressão), assimilação à sociedade japonesa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção da nação Brasileira por “mestiços”</li> <li>• Política assimilacionista</li> <li>• Hegemonia do catolicismo</li> </ul>
<b>Pós-Guerra (I) (1945~Déc.70)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Culto nos moldes da ilha principal (especialmente Seicho no Ie até meados da década de 50)</li> <li>• Surgimento do <i>yuta</i> no início dos anos 50</li> <li>• Prática do culto nos moldes okinawanos pelos imigrantes do pós-guerra</li> <li>• Déc. 70~:crescimento de médiums “tipo” <i>yuta</i>, viagens para “trazer” o antepassado e criação de uma organização para a cura pela religião – os imigrantes do pré-guerra também passam a praticar intensamente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estratégia de vida: permanência definitiva – surgimento de nova identidade (membro da colônia), compartilhar a experiência como imigrante, negação de “coisas” ligadas a Okinawa (repressão)</li> <li>• Início da imigração pós-guerra (1953~início da década de 70)</li> <li>• Ascensão econômica e participação social: aumento das viagens de visita a Okinawa nos meados da década de 70</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De nação constituída por mestiços para colocação de um mero hífen para designar as diferentes origens (a partir da década de 60)</li> <li>• Aparecimento da contracultura Quebra da hegemonia católica, etc.</li> </ul>
<b>Pós-Guerra (II) (Déc.70~Déc.90)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aumento das viagens para “trazer” os antepassados</li> <li>• Surgimento do <i>yuta</i> propriamente dito – transformação em <i>yuta</i> num contexto transnacional</li> <li>• Intensificação da prática do culto e aproximação às forma de prática okinawanas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diminuição(desaparecimento) dos olhares de discriminação por parte dos <i>nikkeis</i> da ilha principal</li> <li>• Devolução do controle político de Okinawa para o Japão/ Realização da Expo Oceano (Okinawa)? Surgimento da identidade “<i>uchinanchus</i> do Brasil” (déc.70) – Equiparação étnica em relação aos imigrantes da ilha principal? Valorização da cultura tradicional okinawana – as artes okinawanas ganharam atividades regulares e foram estimuladas-</li> <li>• Aumento de “pessoas” transnacionais: associação de províncias, de pessoas da mesma terra-natal, <i>de kassegui</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Multiplicação das religiões (especialmente da Pentecostal)</li> <li>• Ida de brasileiros ao exterior</li> <li>• Chegada dos <i>newcomers</i></li> </ul>
<b>Pós-Guerra (III) Déc.90~</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Prática do culto ao ancestral pela visita em Okinawa/Brasil</li> <li>• Transnacionalização da questão <i>yuta</i> (intervenção mútua)</li> </ul>		

Os imigrantes okinawanos desse período, assim como os imigrantes japoneses da ilha principal, iniciaram suas vidas nas plantações de café, como colonos. No final de dezembro de 1940, cerca de 13 mil okinawanos residiam no Brasil.

Entre esses imigrantes, o culto aos antepassados, no sentido de “religião típica okinawana”, não era praticado (ou, pelo menos, não era praticado em sua forma tradicional). Mas, por que razão essa prática inexistia?

Em primeiro lugar, pode-se dizer que esse fato está estreitamente relacionado com a estratégia de vida dos imigrantes desse período. No caso dos imigrantes do período anterior à Segunda Guerra Mundial, não apenas entre os imigrantes okinawanos, mas também entre aqueles vindos da ilha principal, predominava a estratégia de imigração como *dekassegui*. Com essa estratégia, eles buscavam poupar bens o mais rápido possível para fazer um “retorno glorioso” à sua terra natal. Havia aqueles também que visavam enviar o dinheiro poupado à *ya* (à sua casa, à sua família), não passando a migração temporária para o Brasil, nesse caso, apenas de um meio para “levantar dinheiro”

Assim, para cumprir tais objetivos, os okinawanos formavam famílias “arranjadas” compostas por homens jovens que representavam uma mão-de-obra vantajosa e migraram para o Brasil. Em outras palavras, isso significa que o número de mulheres (de idade avançada) que originariamente tinham o papel de designar a função dos cultos aos antepassados dentro de casa era relativamente baixo.

Dentre os 325 imigrantes okinawanos que vieram na primeira leva de imigrantes, 276, ou seja, 85% era homem, sendo que apenas 15% era mulher. Além disso, devido à necessidade de uma mão-de-obra vantajosa, é possível notar que 80% dos homens tinha menos de 20 anos e apenas 6 tinham mais de 40 anos (no caso das mulheres, apenas 3 tinham idade acima dos 30 e a maioria tinha 20 anos incompletos)<sup>2</sup>.

Em função da estratégia de imigração temporária, podemos notar que a estrutura familiar era composta por 33% de primogênitos herdeiro da *ya* e 25% de irmãos do meio. E esse índice significativo de presença dos herdeiros da *ya* era um aspecto importante a ser considerado como fator básico para a reprodução da prática do culto só então no período pós-guerra. Pelo fato de estarem migrando com o caráter temporário, os okinawanos (especialmente o filho mais velho e o do meio) tiveram que deixar com parentes ou familiares objetos como as tabule-

---

2. A análise sobre as famílias “arranjadas” de imigrantes okinawanos vindas na primeira imigração foi realizada com base em *Burajiru Okinawa Imin Chobo*, edição de dados estatísticos da revista *Burajiru Okinawa Imin Shi* (1987), por Yabiku Mosei.

tas memoriais, os incensários, as cinzas e os *hinukan* (deus do fogo cultuado na cozinha) herdados pela família. Ou seja, a ausência dos símbolos que representavam os “ancestrais” que deveriam ser cultuados foi a condição mais significativa para tal inexistência da prática no período anterior à Segunda Guerra Mundial.

Sob as severas condições de trabalho em um país estrangeiro, ocorre, entre os imigrantes, alguns falecimentos. Nesse caso, como eram realizados os rituais para tais falecimentos? Eles não passavam de medidas improvisadas de rito para o “falecimento inesperado”, adotando-se as “formas típicas de ritual da ilha principal do Japão” A realização desse ritual nos moldes da ilha principal estava intimamente relacionado com a posição dos okinawanos frente ao Japão.

Como já é de conhecimento, com a Disposição do Império de Ryukyu, Okinawa foi anexada à nação japonesa moderna em 1879 e inicia o seu processo de modernização. Dentro dessa posição/estratégia, os okinawanos abandonam a sua identificação okinawana/ ryukyuna para se auto proclamar como “originário de uma província japonesa” considerando como “atrasado” tudo aquilo relacionado à Okinawa, à Ryukyu e buscando uma “assimilação ao Japão” o mais rápido possível<sup>3</sup> E, com a intensificação dessa estrutura binária antagônica de discriminação por meio da interação dos imigrantes da ilha principal, da autoridade japonesa e da comunidade de imigrantes, essa posição básica foi seguida pelos okinawanos no Brasil também. Nesse contexto, o culto tradicional okinawano aos antepassados foi sendo evitado (o que não significa que eles negavam as reverências pelo antepassado realizadas pelos imigrantes japoneses da ilha principal).

Ainda, num contexto maior, pode-se dizer que a ausência desse culto ao antepassado se intercala com a visão de um povo religioso no Brasil. Nessa época, o catolicismo era a religião hegemônica e a idéia de Brasil como uma nação católica era muito forte, e, por orientação dos órgãos diplomáticos (Departamento de Relações Exteriores), os imigrantes japoneses se mantinham mais reservados para a prática de suas crenças e religiões no Brasil.

---

3. Sobre a identidade dos okinawanos (intelectuais) como “originários de província japonesa” após a Disposição de Ryukyu em 1879 e a integração ao Japão (nação moderna), consultar: Oguma Eiji (1998), Tomiyama Ichiro (1990).

Oguma Eiji(1998) *Nihonjin no Kyôkai-Okinawa, Ainu, Taiwan, Chôsen-Shokuminchi-shihai kara Fukki-undômade-*. (*Fronteira de Japonês – Okinawa, Ainu, Taiwan e Korea-De Ocupação Colonialista até Movimento de Retorno ao Japão*) Tokyo. Ed. Shinyô-sha.

Tomiyama Ichiro (1990) *Kindai Nihon Shakai to 'Okinawajin'* (*Sociedade Japonesa Moderna e Okinawanos*) Tokyo. Nihon-Keizai-Hyôron-sha.

### 3. O culto aos antepassados no período pós-Segunda Guerra Mundial

#### 3.1 Os diversos fatores que contribuíram para a reprodução do culto aos antepassados no período pós-Segunda Guerra Mundial

O que norteava, então, a atitude dos descendentes de okinawanos no período anterior à Segunda Guerra era a estratégia de assimilação como um *nikkei*, abandonando a sua peculiaridade (sua natureza okinawana).

Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses okinawanos também foram vistos como inimigos da nação e é após o final da guerra, com a rendição do Japão, que ocorre uma inversão na estratégia de vida entre os okinawanos: passam de trabalhadores *dekasseguis* para residentes definitivos no Brasil.

Segundo pesquisa realizada pelo Departamento de Geografia da Universidade de Ryukyu, mais de 90% dos imigrantes okinawanos não tinha intenção de se estabelecer definitivamente no Brasil no período inicial da imigração. Porém, após o fim da guerra, 80% deles afirmavam ter decidido pela permanência definitiva. E, como que acompanhando essa mudança, uma nova identidade foi sendo construída, identidade essa como um sujeito que irá permanecer definitivamente no Brasil estabelecendo novas estratégias de ascensão econômica e social.

Entre os *nikkeis*, incluindo os okinawanos, a nova estratégia de vida predominante era a da ascensão econômica por meio do trabalho autônomo em São Paulo e arredores utilizando a mão-de-obra familiar. Assim, a partir do final da década de 40 até a década de 50, os okinawanos também se deslocam para centros urbanos formando uma comunidade étnica urbana à parte dos *nikkeis* propriamente ditos da ilha principal, visando a ascensão econômica.

A estratégia de permanência definitiva trouxe junto consigo, então, o surgimento de uma nova identidade *nikkei* na comunidade japonesa como um todo. Enquanto por um lado houve o distanciamento dos *nikkeis* em relação à sociedade japonesa e aos japoneses, por outro lado foi sendo constituída uma identidade étnica como “membro da colônia” como “*nissei*”, uma tentativa de criação de uma diferenciação étnica em relação aos brasileiros em geral<sup>4</sup>

O que deu suporte para essa nova identidade foram as novas religiões japonesas, representadas pela Seicho-no-Iê. A década de 50 foi uma época em que religiões “japonesas” começam a ser amplamente introduzidas na comunidade *nikkei* do Brasil. Mesmo entre os descendentes de okinawanos que até a década de 50 eram vistos com olhares preconceituosos pelos *nikkeis* (da mesma forma

---

4. Sobre a identidade dos *nikkeis* brasileiros e as transformações na estratégia de vida, consultar: Maeyama Takashi (1996).

Maeyama Takashi(1996)*Esunisitei to Brazilu Nikkeijin: Bunka Jinruigakuteki Kenkyû*(*Anthropological Study: Ethnicity and Japanese-Brazilians*) Tokyo. Ed. Ochanomizu-Shobô.

que ocorria no período anterior à guerra), muitos se tornaram adeptos das religiões “japonesas” com a inversão estratégica de identidade como “originário de uma província japonesa” para uma estratégia de assimilação entre os *nikkeis* simplesmente como “membro da colônia”.

Assim, para se tornarem “mais japoneses” do que os próprios japoneses da ilha principal, muitos okinawanos, especialmente aqueles que receberam uma educação de caráter nacionalizadora no período Meiji e foram discriminados no Brasil pelos *nikkeis* da ilha principal, se tornavam devotos da Seicho-no-Iê, pois ela tinha como doutrina principal justamente o “espírito japonês”. E é dentro desse contexto de inserção de novas religiões trazidas do Japão que surge a prática do culto aos antepassados.

No início da década de 50, a imigração que havia sido suspensa por conta da Segunda Guerra é retomada. A imigração okinawana para o Brasil se concentrou no período entre a reabertura do país para a imigração em 1953 até o começo da década de 70. Mais de 10 mil okinawanos saíram da Okinawa que havia se transformado em cinzas e entrado para a dominação americana em direção ao Brasil nas mais diversas formas de imigração: como imigrante agrícola autônomo, como grupo de jovens, como imigrante para Capem ou como imigrantes “chamados”.

A diferença decisiva desses imigrantes do pós-guerra em relação aos anteriores à guerra é que desde o começo eles vieram com a intenção de permanência definitiva no Brasil, já trazendo junto consigo os incensários, os ossos, as tabuletas memoriais e os *hinukans* devidamente passados por rituais de magia (*nujifa*) como o *untike* que permitia o deslocamento dessas tabuletas ou deuses do fogo para outros lugares. Assim, não há dúvida de que os imigrantes do pós-guerra foram um fator de estímulo para a prática do culto aos ancestrais na forma tradicional okinawana.

Por outro lado, os imigrantes anteriores à guerra estavam começando a ficar preocupados com as tabuletas memoriais e *hinukans* por eles herdados e com as tabuletas das vítimas da guerra que estavam para ser herdadas (ou aquelas que as próprias vítimas haviam herdado) que ainda não haviam passado pelo rito necessário.

Com essa preocupação, na década de 50 os imigrantes do pré-guerra fazem um retorno temporário para Okinawa. Esse fenômeno se concentra após o ano de 1972 com a devolução do controle político de Okinawa para o Japão e especialmente por volta de 1975 com a realização da Expo Oceano Okinawa.

Mais do que um cunho turístico, esse retorno temporário era uma importante oportunidade para “trazer ao Brasil”, através do ritual do *untike*, os “ancestrais” e *hinukans* que eles haviam deixado com os parentes e familiares. Ou seja, era uma “viagem” para anunciar aos antepassados a decisão de permanência defi-

nitiva no Brasil. Muitos imigrantes anteriores à guerra falam sobre esse fato dizendo: “Dessa forma o *uyafafuji* (o antepassado, especialmente para se referir aos antepassados paternos) também migrou conosco para o Brasil e conseguimos constituir a nossa *ya aqui* “

A década de 70 foi um período em que eles haviam alcançado uma prosperidade econômica por conta da estratégia de ascensão baseada nos trabalhos autônomos com a criação da comunidade étnica urbana. Ao mesmo, como um dos processos da globalização em curso, foi uma época em que surgiram as linhas aéreas diretas Brasil-Japão. Esses fatores fizeram com que fossem criadas condições necessárias para a realização dessas “viagens” de retorno.

Segundo pesquisa realizada no começo da década de 80 na comunidade pesquisada pelo autor, das famílias que constituíam a comunidade, 85% tinham em casa um altar budista (*butsudan*) e 80% possuíam túmulos em cemitérios brasileiros.

Na década de 70, o desaparecimento tênue da discriminação explícita contra os descendentes de okinawanos, o alcance da ascensão econômica por eles e a notável inserção social e política destes na comunidade brasileira ultrapassa a dos *nikkeis* descendentes da ilha principal. Essa era a situação interna do Brasil.

Essas mudanças se intercalam com a reativação do movimento de resgate da cultura peculiar okinawana tanto no Japão como em países estrangeiros e começa a surgir uma nova imagem positiva entre os descendentes de okinawanos no Brasil : os *uchinanchus* do Brasil (okinawanos do Brasil – o termo *uchinanchu* é utilizado especialmente para estabelecer uma contraposição com o termo *yamatonchu*, empregado para designar os japoneses da ilha principal).

Essa identidade foi construída com base na diferenciação cultural, criando uma fronteira étnica entre eles e os *nikkeis* descendentes da ilha principal do Japão e os brasileiros em geral, fronteira étnica esta que, por sua vez, se constituía por elementos tradicionais e peculiares da cultura okinawana, reavaliando tais elementos. Em outras palavras, pode-se dizer que esse movimento foi uma forma de reverter a posição assimétrica em que se encontravam os descendentes de okinawanos em relação aos descendentes da ilha principal por meio do estabelecimento de uma diferenciação cultural<sup>5</sup>.

O aparecimento dessa identidade positiva e a reavaliação da cultura tradicional okinawana foram as condições que permitiram a retomada da prática do

---

5. Sobre o processo de transformação da identidade dos descendentes de okinawanos no Brasil, consultar: Mori Koichi (2003a).

Mori, Koichi(2003a). Identity Transformations among Okinawans and Their Descendents in Brazil, In: (ed) Lesser, J. *Searching For Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism*, p.47-65, USA, Duke Univ. Press.

culto aos antepassados. E, em um contexto mais amplo, a partir da década de 60, a hegemonia católica baseada em uma visão religiosa nacionalista chega a seu fim no Brasil e surge o movimento em voga da contracultura juntamente com a busca pelas origens e retorno às raízes culturais, que é uma dos fatores essenciais para a prática tradicional do culto aos antepassados.

Dessa forma, a reverência aos ancestrais que havia ganhado vigor na década de 60 passa a ser praticada de forma mais intensa a partir da década de 70. E, os *yutas* (xamãs) que atuam nas comunidades okinawanas até hoje, tiveram um papel decisivo para que esses rituais de reverência pudessem ser praticados de forma mais próxima possível às formas praticadas em Okinawa.

### 3.2 O surgimento das *yutas* e o culto aos antepassados

Conforme foi discutido anteriormente, com a decisão de permanência definitiva no Brasil, começou a surgir entre os okinawanos uma grande preocupação em relação aos “antepassados” ou *hinukans* que haviam herdado, assim como em relação aos “novos antepassados” que haviam surgido como vítimas da guerra de Okinawa e que deveriam ser cultuados. Havia também a preocupação com o ritual de proteção de móveis e casas adquiridas ou construídas, já que na sociedade folclórica okinawana, o xamã tem uma atuação central em relação ao culto ao antepassado como também na aquisição de propriedades.

No Brasil, em São Paulo, a primeira *yuta* (médium) surgiu nos meados da década de 50. Porém, ele não “surgiu” com as formas de uma *yuta* típica desde o começo.

O seguinte exemplo é o caso de uma mulher que entrou em estado de *kamidarii* (estado de adoecimento pelo qual uma pessoa passa no processo para se tornar xamã) nos meados da década de 40. Na época ainda não existia a comunidade étnica okinawana (em outras palavras, não havia uma comunidade que exercesse a função de realizar tratamentos por meio de crenças religiosas, não havia um *yuta*). Por conta disso, para obter um tratamento místico para o seu estado de desarmonia, ela foi levada para um centro de umbanda<sup>6</sup>, uma religião de possessão brasileira e, dentro do contexto da umbanda foi realizado o seu *michiake*<sup>7</sup>

---

6. Umbanda: é uma religião brasileira de possessão criada no começo do século XX a partir da fusão dos cultos de origem africana com o espiritismo. Diferentemente dos outros cultos africanos, o principal espírito de possessão é o espírito morto de escravos negros ou espírito morto dos índios nativos, ganhando características brasileiras. Além disso, por ser a classe média urbana a principal camada a aderí-la, muitos pesquisadores consideram a umbanda como a religião nacional do Brasil.

7. No contexto da umbanda, é o processo de definição do espírito de proteção através da nomeação de um espírito de possessão específico. Na cultura xamanística okinawana, é o processo de transformação em *yuta* com uma aprovação simbólica (recebendo escritas, miçangas e terços) do *kami* (deus).

Porém, posteriormente, essa médium foi interpretada pelos okinawanos como sendo o surgimento de uma *yuta* e passou a fazer visitas como *yuta* para atender às pessoas com problemas. Esse é um caso peculiar de iniciação das atividades como *yuta*.

A partir dos meados da década de 50, essa *yuta* passa a praticar rituais mágicos para os problemas ligados ao culto aos antepassados e para cura de desarmonias físicas e mentais com causa desconhecida. Assim ela passa a exercer um papel central no ritual de culto ao antepassado que tem como elemento básico o *suko* (oferenda de queima de incenso)<sup>8</sup>

Nessa comunidade okinawana de São Paulo em que a médium do “tipo” *yuta* atuava de forma ativa, também começam a chegar de Okinawa mulheres que lá atuavam como médium nas comunidades de parentesco (*ukudi*), mulheres que trabalhavam como *ugansa*<sup>9</sup> e mulheres com forte percepção espiritual a partir da década de 60. Elas se envolvem principalmente na solução para a questão do culto aos ancestrais dos imigrantes pós-guerra como médiuns do “tipo” *yuta*. E, a partir da década de 80, entre as próprias pessoas que se consultavam com essas mulheres, começam a surgir as *yutas* propriamente ditas, chegando até os dias de hoje.

Essas médiuns, especialmente a partir da década de 80, passam pelo processo de transformação em *yutas* e o papel exercido por elas nos cultos aos antepassados se tornou fundamental.

Sobre as mulheres (principalmente *nisseis* e *jun-nisseis*, estas vindas do Japão ainda quando crianças) que se tornaram *yuta* após a década de 80 pode-se considerar que:

1. A força de controle da Nação-Estado sobre a religião estava enfraquecendo, surgindo o discurso de que “por meio de qualquer religião é possível afirmar uma

---

8. Sobre o processo para se tornar *yuta* e o mundo religioso criado, consultar: Mori Koichi (1997). Sobre o processo de transformação do *yuta* do Brasil em xamã, consultar Mori Koichi (2002).

Mori Koichi(1997) “Burajiru Hyô Shûkyô no ‘Ôshokuka’ purosesu – Okinawakei Josei no Shûkyô Sekai – (Processo de Amarelamento de Religião Brasileira de Possessão – O mundo religioso de uma Okinawana-)”. In: Jôchi Daigaku Ibero Amerika Kenkyujo(ed.). (Centro de Estudos Iberoamericano da Universidade de Sophia) Ibero-Amerika Kenkyu(*Estudos Ibero-Americano*).Tokyo. Vol. XIX, No.2. Ed. Universidade de Sophia.

Mori Koichi(2002) “Burajiru ni okeru Okinawakei Shaman *Yuta* no seifu katei to sono Jujutsu Syukyo Sekai(Processo de xamanização de okinawanas e seu mundo mágico-religioso)” In: Toshio Yamaguida (ed.) *Raten Amerika no Nikkeijin-Kokka to Esunishitei – (Os Nikkeis de Países Latino-Americanas-Nação e Etnicidade-)* Tokyo. Ed. Keio University Press.

9. Médium que, a pedido do *yuta* ou outras pessoas, realiza os rituais de magia e cerimônias de culto aos antepassados, como um “sacerdote espiritual” Assim, como as *yutas*, esses médiuns são, geralmente, mulheres. Não é muito comum solucionarem problemas advindos de *hanji akashi*, como também não é comum oferecerem receituário de cura.

brasilidade”<sup>10</sup> e, no nível nacional, houve uma transição da idéia do Brasil como um país formado por mestiços para a unificação do povo por meio da colocação de meros hífen para distinguir a sua origem;

2. Estreitamente relacionando a essa questão, há o surgimento claro da identidade “*uchinanchus* do Brasil” criada por uma diferenciação cultural colocada frente aos *nikkeis* descendentes da ilha principal e aos brasileiros em geral;

3. A comunidade okinawana chegou ao seu auge de desenvolvimento com o alcance do sucesso e estabilidade econômica por meio da estratégia como trabalhador autônomo e com a criação de um órgão funcional comunitário para a cura pela religião muito semelhante àquele existente na sociedade folclórica okinawana;

4. E, finalmente, o processo de evolução da globalização (surgimento de linhas aéreas, passagens aéreas com preços acessíveis, o deslocamento de pessoas e também de informações) são alguns dos fatores que tiveram forte influência no processo de transformação em *yuta* e na criação de uma cultura étnica xamanística no Brasil.

Sobre o processo de transformação em *yuta* dessa época, é possível levantar algumas características. A primeira seria a transformação do médium em *yuta* dentro de um contexto transcultural. Em outras palavras, através da participação das médiuns do “tipo” *yuta*, se tornou possível realizar “treinamento” para se tornar uma *yuta* tanto no Brasil como em Okinawa.

Com o as economias obtidas pelo trabalho autônomo e também pelo *tanomoshi* (um tipo de consórcio financeiro), as mulheres “tipo” *yuta* dessa época, puderam viajar para Okinawa realizando de três a seis sessões de “aperfeiçoamento” Elas se hospedavam na casa de parentes num período de três a seis meses interagindo de forma muito próxima com as *yutas* da sociedade okinawana.

O segundo elemento característico é o fato de que, por elas terem essa interação muito próxima com as *yutas* de Okinawa, acabavam internalizando profundamente a cultura xamanística okinawana. E, como resultado disso, as *yutas* do Brasil se assemelham muito às *yutas* de Okinawa já que seguem as normas e lógicas da cultura xamanística okinawana bem como as suas formas de rituais e magia. Toda via, no sentido de que se tornam *yutas* por meio do intercâmbio entre Okinawa e Brasil, elas vão sendo formadas como *yutas* étnicas.

A terceira característica comum a essas *yutas* é o caráter híbrido que pode ser observado nesse mundo religioso e que surge claramente, por exemplo, no conceito sobre o infortúnio. Ainda que as *yutas* do Brasil se apoiem basicamente no conceito de infortúnio estabelecido pelo xamanismo okinawano, elas trans-

---

10. Prandí Reginaldo (1999) “Referências sociais das religiões Afro-Brasileiras-Sincretismo, Branqueamento, e Africanização”. In: C. Cardoso e J. Bacelar (eds.). *Faces da Tradição Afro-Brasileira*. São Paulo. Ed. Pallas.

põem o infortúnio pelo fato de ser *uchinanchu* pelo infortúnio pelo fato de ser brasileiro ou morar no Brasil.

Falando de forma mais geral, com a transposição do conceito de infortúnio, de um lado elas se afastam da idéia sobre alma dos vivos e dos mortos de terceiros e da espiritualidade ligada à estrutura das moradias. Por outro lado, ocorre um afastamento dos espíritos de antepassados e da noção de valores tipicamente okinawanos.

Apesar da interpretação e da solução para os infortúnios se basear nas formas do xamanismo okinawano, as oferendas, a língua e a presença do espírito (por meio de possessão), são todos elementos diferentes. Por exemplo, no caso de um infortúnio tipicamente brasileiro, é a padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Aparecida, que exerce papel central na indicação da solução do problema. No lugar do incenso e do *binshi* (um kit de oferendas aos antepassados composto por arroz, saquê, bolinhos de arroz, etc.) são utilizados velas e vinho. As orações são feitas em português empregando um vocábulo típico da religião católica como “Nossa Senhora” e “Ave Maria”

#### **4. *Yutas* e o culto aos antepassados dentro do processo de globalização**

Na comunidade okinawana que é o campo de pesquisa do autor, as *yutas* que atuam de forma mais ativa são as que fizeram seu *michiake* após a década de 60 e, pelo menos cinco ou seis delas estão atuando ativamente. Além delas, há também inúmeras mulheres e homens que têm como especialidade os ritos de magia e realizam a cerimônia chamada *ugansa*.

Segundo uma breve pesquisa realizada nessa comunidade em 2001, 90% das famílias tinha em suas residências as tabuletas memoriais e 88% possuía o *hinukan*. Dentre os que possuem tabuletas, 27% praticava a cerimônia de reza todos os dias e, daqueles que têm o *hinukan*, 15%. Também constatou-se que 61% e 67%, respectivamente, praticavam a reza todo dia 1º e 15º dia.

Além disso, é muito frequente a consulta à *yuta* e o pedido pela *ugansa*. Em relação à *ugansa*, 67% das famílias faz pedido para realização do *yashiki ugan* (reza oferecida uma vez por ano para agradecer à casa pela proteção que ela dá e pedir mais uma vez por essa proteção) e do *mabuiwakashi* no 49º dia de falecimento (cerimônia para a separação dos espíritos vivos do espírito morto, deixando com que este último vá para o seu mundo) e 59% das famílias (esposas) tem algum contato com *yutas*.

No caso das *yutas*, há aqueles que as consultam regularmente e aqueles que consultam algumas vezes, mas os pedidos geralmente são:

- (1) Avaliação sobre a sorte ou não no futuro e nos planos
- (2) Pedido de realização de cerimônias e magias
- (3) Ensino de como fazer um culto aos antepassados na forma okinawana tradicional
- (4) Interpretação de experiências paranormais
- (5) Confirmação do desejo dos ancestrais

Assim como é possível inferir por meio dos dados apresentados e por tudo aquilo que foi discutido anteriormente, entre os descendentes de okinawanos no Brasil, é especialmente após a década de 80 que o culto ao antepassado começa a ser praticado de forma ativa e com a participação das *yutas* através de pedidos.

E, levando em conta que as cerimônias tinham a participação das *yutas* que passaram por um treinamento em Okinawa e a entrada massiva de informações por conta do avanço do processo de globalização, surgiu uma forma de culto muito similar à que era praticado em Okinawa.

Ainda, essa intensificação na prática do culto ao ancestral contribuiu de forma notável para o crescimento da comunidade okinawana criando diversos fatores favoráveis: surgiram importadoras e fabricantes de artigos necessários para a realização das cerimônias como os altares budistas, as tabuletas memoriais, incensos, *uchikabi* (papel cortado em formato de cédula), incensários e *binshi*, além do aparecimento de produtores e vendedores de oferendas utilizadas nos cultos, estabelecendo-se uma expansão horizontal de divisão de trabalho no nicho ligado à prática do culto ao antepassado.

Além disso, no começo da década de 90 tem início a publicação do jornal étnico “Utina Press” voltado para os descendentes de okinawanos. Publicando 8 mil exemplares por mês, o jornal traz artigos em série sobre a arte okinawana e o culto aos antepassados e, no primeiro exemplar do ano, vem publicada uma lista de todas as atividades ligadas ao culto aos antepassados que serão realizadas durante o ano.

A prática do culto ao antepassado vem sendo ativada, assim, com o entrelaçamento desses diversos fatores. A partir da década de 80, analisando o processo de forma conjunta, o culto ao ancestral juntamente com a arte tradicional *ryukyuana* criou uma fronteira étnica em relação aos *nikkeis* descendentes da ilha principal (*yamatonchu*) e com os brasileiros em geral. Optando estrategicamente pelo culto ao ancestral como o elemento cultural para sustentar essa fronteira, ele vem se tornando a grande força impulsionadora da identidade “*uchinanchus* do Brasil” criada nos moldes essencialistas<sup>11</sup>

---

11. Sobre a construção do sujeito “*uchinanchu* do Brasil” e a prática de artes tradicionais de Ryukyu, consultar: Mori Koichi (2003b).

A partir da década de 80 até os dias de hoje, o processo de globalização tem promovido um intercâmbio através da ida dos descendentes de okinawanos ao Japão como *dekassegui* ou para eventos como o Encontro Mundial dos *Uchinanchus*, WUB<sup>12</sup>. para estudar como bolsista e participar das festividades e cerimônias da família. Por outro lado, a visita de *uchinanchus* residentes em Okinawa ou em outro país estrangeiro ao Brasil na ocasião das comemorações da imigração japonesa e festividades e cerimônias da família como casamento e enterro também tem aumentado.

Nessas ocasiões é que os descendentes de okinawanos manifestam para os *uchinanchus* de Okinawa e do mundo o compartilhamento de certos valores okinawanos como *ichareba chode* (expressão que exprime a hospitalidade do povo okinawanos, significando, em uma tradução literal, “se nos encontramos, somos todos irmãos”) e *yuimaru* (o auxílio, a ajuda mútua) mostrando que tanto o culto aos antepassados como a arte tradicional estão sendo praticadas da mesma forma como em Okinawa. Ao mesmo tempo, é nessa mesma ocasião em que os okinawanos (ou descendentes) que visitam o Brasil também se apropriam da cultura praticada e dos diálogos que surgem em diversas oportunidades. E, através desse ciclo de influência mútua, cria-se uma identidade *uchinanchu* étnica e global que cada vez mais vem se tornando vívida.

Na esfera religiosa dessa construção de um sujeito *uchinanchu* transnacional, quem veio exercendo um papel fundamental foram justamente as *yutas*. As *yutas* do Brasil que haviam internalizado e apropriado a cultura xamanística okinawana descobriam as causas dos problemas e desarmonias dos descendentes de okinawanos através da interpretação dos sinais por meio do código do xamanismo okinawano, indicando, assim, um tratamento adequado. Dessa forma, exerceram um papel central nas cerimônias de magia no culto aos antepassados no sentido de transmitirem os conhecimentos/valores okinawanos e as doutrinas dos cultos aos seus descendentes.

Assim, ao mesmo tempo em que contribuíram para a ativação de uma cultura étnica, utilizando o código do xamanismo okinawano, elas inseriram os descendentes de okinawanos individualmente em um universo okinawano, colaborando, dessa forma, para a construção de um sujeito “*uchinanchu* do Brasil”

---

Mori Koichi (2003b) *Burajiru no Ryukyu Geino to Shutai no Kochiku – Engeikai*, Konkuru Paredo (ed.) Nishi, M. & Hara, T. *Fukusu no Okinawa – Diasupora kara Kibo he*, Tokyo, Jimbunshoin.

12. WUB: Worldwide *Uchinanchu* Business Association. Associação formada em 1997 com iniciativa dos descendentes de okinawanos residentes no Havaí. Possui 21 filiais pelo mundo com cerca de 500 associados e, todo ano realizam o Encontro Mundial em Tóquio, Okinawa ou Estados Unidos para promover a troca de informações e firmar o laço de amizade entre seus membros. Além disso, com a criação da Companhia de Investimento WUB, essa Associação já realiza objetivamente um desenvolvimento empresarial através dessa rede social dos *uchinanchus*.

No entanto, tal compartilhamento de conhecimentos, lógicas e cultura entre familiares que transpassa o limite fronteiro de países também vem criando o surgimento de certo tipo de conflito e oposição.

Por exemplo, suponhamos que uma *yuta* do Brasil identifique a causa de um certo problema como sendo devido a um “erro” no processo de herança do “ancestral” (da tabuleta memorial) e julgue que não haverá solução até que esse “erro” seja corrigido. Nesse caso, o problema deixa de ser de ordem individual ou familiar exigindo a negociação entre todos os parentes. Porém, se para o outro parente nenhum problema tiver surgido por conta disso, será muito difícil ele concordar em deixar trazer para o Brasil essa tabuleta memorial que é um objeto de devoção dele também.

A ativação de um relacionamento familiar transnacional por conta da globalização, a facilidade na comunicação e o aparecimento das *yutas* com conhecimento sobre o xamanismo okinawano diminuiu significativamente a desproporcionalidade que havia no conhecimento sobre o culto ao antepassado entre Okinawa (o centro) e Brasil (periferia). O que fez com que problemas como esse se tornassem visíveis.

Antigamente, esse tipo de problema entre parentes surgia em Okinawa e era considerado como um problema a ser encarregado a uma *yuta*. E, pelo processo da globalização ainda não estar tão avançado nessa época, o problema que envolvia as *yutas* não chegavam até a comunidade okinawana do Brasil. Devido à estrutura desproporcional na relação centro/periferia, mesmo se o problema existisse, ele era de “mão única”, sendo direcionado de Okinawa para o Brasil (como no caso dos pedidos pela realização de culto para os falecidos na guerra de Okinawa).

Entretanto, atualmente a questão *yuta* vem se tornando um problema de “mão dupla” com a emancipação da rede de relacionamento entre parentes e a sua ativação. Ou seja, dentro do processo de globalização, descendentes de okinawanos no Brasil passaram a se envolver na prática do culto aos antepassados e nas cerimônias realizadas por parentes e familiares em Okinawa.

## Referências bibliográficas

Burajiru Okinawa Kenjin Imin 90 nen Shi – Kasato Maru kara 90 nen. (ed) Zainichi Okinawa Kenjinkai Hen, São Paulo, 2000.

Maeyama Takashi. *Esunisitei to Brazilu Nikkeijin: Bunka Jinruigakuteki Kenkyû (Anthropological Study: Ethnicity and Japanese-Brazilians)* Tokyo. Ed. Ochanomizu-Shobô, 1996.

Mori Koichi “Burajiru Hyôshi Shûkyô no ‘Ôshokuka’ puroseshu – Okinawakei Josei no Shûkyô Sekai-(Processo de Amarelamento de Religião Brasileira de Possessão – O mundo reli-

gioso de uma Okinawana-)" In: (ed.) Jôchi Daigaku Ibero Amerika Kenkyujo (Centro de Estudos Iberoamericano da Universidade de Sophia) Ibero-Amerika Kenkyu (*Estudos Ibero-Americano*).Tokyo. Vol. XIX, No.2. Ed. Universidade de Sophia, 1997

\_\_\_\_\_. "Burajiru ni okeru Okinawakei Shaman *Yuta* no seifu katei to sono Jujutsu Syukyo Sekai (Processo de xamanização de okinawanas e seu mundo mágico-religioso)" In: Toshio Yamaguida (ed.). *Raten Amerika no Nikkeijin-Kokka to Esunishitei-(Os Nikkeis de Países Latino-Americanas-Nação e Etnicidade-)* Tokyo. Ed. Keio University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. "Identity Transformations among Okinawans and Their Descendents in Brazil" In: (ed) Lesser, J. *Searching For Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism*, pp. 47-65, USA, Duke Univ. Press, 2003a.

\_\_\_\_\_. "Burajiru no Ryukyu Geino to Shutai no Kochiku – Engeikai, Konkuru Paredo" (ed.). Nishi, M. & Hara, T. *Fukusu no Okinawa – Diasupora kara Kibo he*, Tokyo, Jimbunshoin, 2003b.

Oguma Eiji (1998) *Nihonjin no Kyôkai-Okinawa, Ainu, Taiwan, Chôsen-Shokuminchi-shihai kara Fukki-undômade-*. (*Fronteira de Japonês – Okinawa, Ainu, Taiwan e Korea-De Ocupação Colonialista até Movimento de Retorno ao Japão*)Tokyo. Ed. Shinyô-sha.

Ohashi, H. *Okinawa Xamanizumu no Shakai Shinrigakuteki Kenkyu*, Tokyo, Kobundo, 2000.

Prandí Reginaldo. "Referências sociais das religiões Afro-Brasileiras-Sincretismo, Branqueamento, e Africanização" In: C. Cardoso e J. Bacelar (eds.). *Faces da Tradição Afro-Brasileira*. São Paulo. Ed. Pallas, 1999.

Tomiyama Ichiro(1990) *Kindai Nihon Shakai to 'Okinawajin'*(*Sociedade Japonesa Moderna e Okinawanos*) Tokyo. Nihon-Keizai-Hyôron-sha.